

FONTE : JT

CLASS. : Yanomami

DATA : 07 08 90

PG. : capa / última pg.

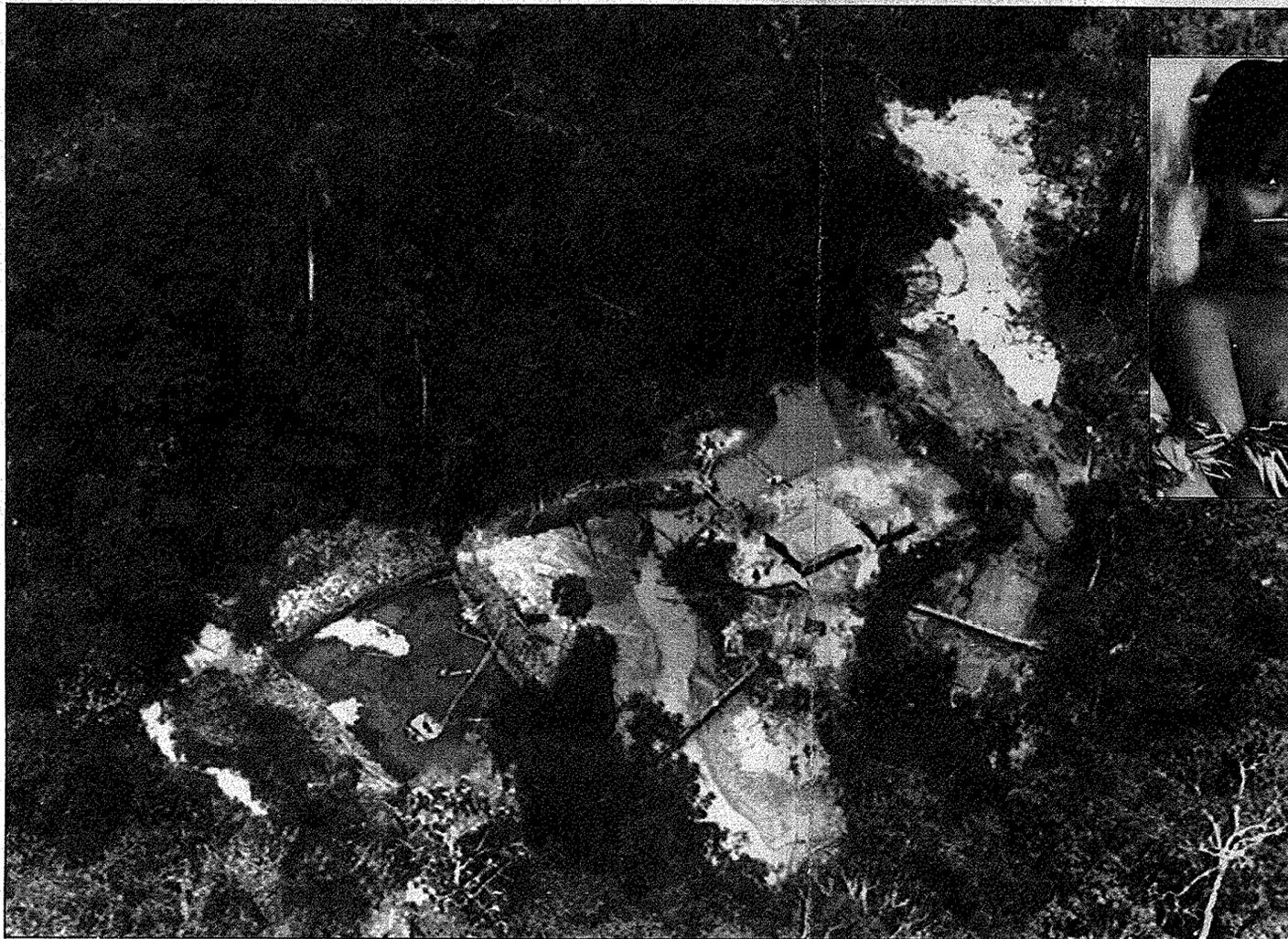
IANOMAMIS: A MORTANDADE CONTINUA.



André Dusek/AF

Nossa repórter foi à selva e relata:
a malária continua dizimando os
índios e os garimpeiros já
reconstruíram as pistas de pouso. Últ. pág.

Ambiente



Garimpo em funcionamento dentro da área indígena do Surucucu, em Roraima. Uma ferida que já matou muitos Ianomamis e ameaça os que ainda restam, como a jovem acima.

Como dizimar um povo, em seis lições.

A corrida do ouro leva a morte aos Ianomami. Reportagem de Eliana Lucena. Fotos de André Duzek.

1. Há três meses, a Polícia Federal e a Funai iniciavam na Serra do Surucucus, em Roraima, a Operação Selva Livre, com as primeiras explosões para desativar as pistas que servem aos garimpos na área dos índios Ianomami, perto da fronteira com a Venezuela. A previsão era de destruir 63 das mais de 100 pistas clandestinas que servem ao garimpo na região. Passados 90 dias, pouca coisa mudou.
2. Três das 13 pistas dinamitadas antes do início das chuvas — Xiriana, Rainha do Inajá e Maracanã — foram recuperadas em pouco tempo. Nas demais, os garimpos, de forma discreta e menos intensa — já que o período das chuvas ainda não acabou —, continuam funcionando.
3. O atendimento da Funai aos índios mantém o padrão precário de sempre. E a área permanece sem fiscalização.
4. O governo anuncia, para os próximos dias, o reinício da operação, reconhecendo que a simples explosão das pistas não resolveu o problema. "Vamos prender quem estiver garimpando nas terras dos Ianomami e apreender o ouro e todo tipo de equipamento" — promete o presidente da Funai, coronel Aírton Alcântara.
5. Os índios continuam a morrer de malária, desnutrição, coqueluche, sarampo e gripe. Há muitos casos de doenças vené-

reas, transmitidas por garimpeiros. E, agora, eles convivem com mais uma ameaça: já foram registrados, em Roraima, 80 casos de Aids em garimpeiros.

6. Testes realizados no Japão, em amostras de cabelos de 18 Ianomami, demonstraram que 13 deles apresentavam níveis de mercúrio — um elemento químico venenoso — no organismo acima do valor aceitável pela Organização Mundial de Saúde.

Em julho do ano passado, a pista operada pela Funai, em Paapiú, a 270 km de Boa Vista, havia se transformado em porta de entrada para os garimpos instalados no rio Couto Magalhães, conhecido como "Rio de Ouro" e seus afluentes. Nas malocas próximas à pista, os índios conviviam com um lugarejo improvisado, mais parecido com uma cidade do faroeste no final dos anos 80. Aviões pousavam e decolavam de cinco em cinco minutos. Em maio, com a proibição do uso da pista de Paapiú para garimpo este convívio diminuiu. Os índios pagaram um alto preço por ele.

Um sobrevôo na região de Paapiú revela que a ameaça permanece sob a mata: diversas barracas mostram que a atividade garimpeira continua. E os índios, apesar das mortes que estão ocorrendo, colaboram pouco com os técnicos da Funai, recém-chegados ao local. Nos últimos anos,

eles deixaram de plantar. Dependiam dos alimentos que recebidos nos garimpos. Sem a presença da Funai, os próprios garimpeiros levavam os índios doentes para Boa Vista e, em troca, garimpavam à vontade em toda a região.

O chefe da maloca ao lado da pista de Paapiú não esconde sua simpatia pelo garimpo. "Funai não dá nada para o índio" — acusa João David. Nos últimos dois anos, ele perdeu vários parentes (incluindo dois filhos), que contraíram doenças levadas pelo branco. Sem as roças de subsistência, os Ianomami enfrentam um quadro crítico de desnutrição. Em Paapiú, no sábado, um médico e uma enfermeira — levados às pressas, um dia antes da área ser visitada pelo ministro da Saúde, Alcení Guerra — iniciavam um trabalho de atendimento. Na maloca mais perto da pista, a situação de saúde não é tão grave. Mas, ninguém sabe o que está ocorrendo com os grupos que ocupam áreas de difícil acesso.

Uma legião de órfãos

Quando a morte chega numa maloca, os Ianomami abandonam o local onde mora-

vam, fogem e acampam longe. Assim, os dados estatísticos sobre mortalidade são sempre incompletos. Números do relatório da Comissão Ação Pela Cidadania, divulgado semana passada: nos últimos dois anos, foram registrados em algumas comunidades investigadas, 234 mortos, numa população de 1.682 indivíduos sob risco. Só em Paapiú, 43% dos índios recém-seados, perderam de 1 a sete parentes diretos. Das crianças, 13% perderam o pai e/ou a mãe nesse período.

A enfermeira irmã Guilda Rauber durante 20 dias atendeu índios doentes na pista do garimpo do Geremias — onde a Funai se instalou nas últimas semanas. Ela chama a atenção para o problema desses órfãos. "Chegamos a atender uma criança de nove anos, que pesava 12 quilos e já estava desenganada pelos índios" — conta a religiosa. Os pais tinham morrido e a criança, com a saúde precária, não era mais alimentada pela tribo. Com atendimento da freira ela acabou sobrevivendo. Dramas semelhantes podem ser acompanhados em outras áreas.

Gonçalo dos Santos, chefe do posto médico da Funai em Surucucus conta que a maloca de Ianomamis localizada próximo ao Batalhão de Fronteira do Exército não enfrenta problemas de contato com os ga-

rimpeiros. Mas o hospital quase sempre está lotado de índios. Chegam das imediações, onde os garimpos continuam em plena atividade. A entrada e a saída desses índios do hospital é imprevisível. Quando o ministro da Saúde chegou, na sexta-feira, apenas um índio estava internado. No sábado, chegaram mais 35, com conjuntivite, malária e desnutrição.

"Foi um azar nosso o ministro ter encontrado só um índio aqui porque ele pode pensar que a situação está controlada", lamenta Gonçalo. Ontem, em Brasília, o ministro da Saúde, Alcení Guerra, disse que serão necessários quatro anos para erradicar a malária da área Ianomami, em Roraima. "Certamente haverá malária residual mesmo depois da retirada dos garimpeiros e, talvez, seja necessário até mesmo pulverizar a área para acabar com os mosquitos transmissores", disse.

O abandono das roças também já está causando brigas entre os Ianomami. Há poucos dias, um grupo que deixou de plantar, invadiu a roça dos índios de Surucucus e houve um conflito. Alguns saíram feridos, mas ninguém morreu. "O que mais preocupa, é que agora os dois grupos se tornaram inimigos. Aqueles que invadiram a roça não poderão mais vir para o hospital", afirma Gonzalo.

OS CÓRREGOS RETOMAM O CURSO. CONTAMINADOS PELO MERCÚRIO DO GARIMPO.

A lama e a devastação, que há um ano atingiam o território dos Ianomami — uma área de mais de nove milhões de hectares retalhada em 19 pequenas reservas indígenas e duas florestas nacionais desde 88 — hoje estão menos nítidas, em alguns locais.

Em Paapiú, os córregos voltam ao seu curso, mas ainda não foi feita uma pesquisa mais profunda sobre a contaminação pelo mercúrio nesta região. O único dado disponível apresenta resultados assustadores: pesquisadores japoneses, auxiliados pela Comissão Para Criação do Parque Ianomami, coletaram, na Casa do Índio, em Boa Vista, amostras de cabelos de 18 índios das áreas de Ericó, Mucajai e Paapiú. Depois de análise feita na Faculdade de Medicina de Kumamoto, no Japão, constatou-se (na medição da fração metálica mais orgânica) que 13 deles apresentavam níveis de mercúrio — elemento químico venenoso — no organismo acima do limite considerado aceitável pela Organização Mundial de Saúde.

Além disso, todos os índios pesquisados mostraram percentuais de mercúrio orgânico total acima de 33,3%, valor considerado limite pela OMS. Esses dados alertam para a contaminação, não só da água, mas dos alimentos utilizados pelos índios — principalmente peixes.

Há uma outra preocupação: a alta incidência de oncocercose, doença transmitida por um tipo de mosquito da Guiana Inglesa, o "Similiun guyanense". Pesquisas realizadas pelo professor Mário Moraes, da Universidade de Brasília, e pelo oftalmologista Marciano Vila, do Hospital São Paulo, constata a doença em

80% dos índios examinados nos últimos dias.

Os dois pesquisadores só lamentam que o trabalho não tenha sido feito quando a região estava ocupada por mais de 30.000 garimpeiros. Só assim seria possível detectar até que ponto a doença proliferou, também, entre a população não-índia. Os médicos querem saber como a doença evolui no Brasil, já que, na África, costuma levar à cegueira. Nos índios foram registradas alterações na córnea, mas nenhum caso de cegueira.

Até agora, sabe-se que o vetor no Brasil é o mosquito *guyanense*, mas os médicos temem que algum tipo de borrachudo possa vir a funcionar como vetor, disseminando, dessa forma, a oncocercose em outras regiões, além da Amazônia.

Em Surucucus, onde funciona um pequeno e mal equipado hospital da Funai, o chefe do posto, Gonçalo dos Santos, no domingo, estava às voltas com um problema de um bebê, que havia perdido os pais. Uma índia já idosa segurava a criança junto ao seio e, através do intérprete, pedia para que ela ficasse no posto até atingir um ano de idade. "Como criar essas crianças e depois reintegrá-las à vida tribal?", perguntam os funcionários da Funai.



Em Surucucus uma índia velha segura um bebê junto ao seio para impedir que ele volte à tribo antes de ser medicado.

Governo volta a dinamitar pistas de pouso. Índio diz que não resolve.

A operação para destruição das pistas clandestinas, segundo o governo federal, recomeça hoje, com um trabalho de reconhecimento a ser feito pelo Exército, Aeronáutica e Polícia Federal. O diretor-geral da PF, Romeu Tuma — que já pediu US\$ 150 milhões ao ministro da Justiça, Bernardo Cabral, para dinamitar 60 pistas até o final do ano — anunciou que as explosões recomeçarão no dia 10.

O índio Ianomami David Kopenawa, no entanto, ameaçou devolver o Prêmio Global 500, que recebeu da ONU, por causa da situação de seu povo e se queixa dos resultados das explosões realizadas há três meses. "Meu povo continua morrendo" — desabafa o índio, lamentando os milhões de cruzeiros gastos inutilmente com a compra de dinamite.

Mesmo assim, o coordenador da operação, Raimundo Cutrin, da Polícia Federal, inicia hoje um levantamento da área, junto com representante da Funai, Nilson Campos. A PF adiantou que serão gastas 25,2 toneladas de dinamite para destruir um número de pistas ainda não definido. Os envolvidos na operação admitem que só explodi-las não resolverá nada.

Há dezenas de pistas clandestinas próximas à cidade, de onde partem os voos para os garimpos. A mais conhecida é a de Cariri/Picão, a 30 km da cidade.

As estimativas sobre a quantidade de garimpeiros que continuam na área dos

Ianomami variam entre 800 a 5.000. Este número chegou a mais de 30.000, nos últimos dois anos. Os garimpeiros em Boa Vista, afirmam que não têm para onde ir. "Os índios foram abandonados pela Funai, e nós somos perseguidos pelo governo" — reclama Francisco Oliveira que, durante quatro anos, garimpou na área indígena.

O presidente da Funai, Aírton Alcântara, afirma que o problema dos garimpeiros não é da Funai. "Os donos dos garimpos não se arriscam a voar em monomotor e a enfrentar a malária" — acusa o coronel, deixando claro que, nessa segunda fase, a operação poderá atingir também os donos dos garimpos de cassiterita e ouro, que atuam nas regiões de Surucucus e Paapiú.

O presidente da União dos Garimpeiros da Amazônia Legal, José Altino Machado, que ocupa uma das áreas mais visitadas pela Funai nessa segunda operação, na região do Alto Parima — área de cassiterita — critica a ação do governo. "Ele afirma que a operação feita há três meses, fracassou porque, depois das explosões, o governo abandonou o território.

Machado defende a legalização dos garimpos na Amazônia e acusa o governo de, no passado, ter promovido o loteamento das reservas minerais na Amazônia para as grandes empresas, impossibilitando qualquer tipo de trabalho legal na região para outros interessados.

Ontem, Machado seguiu para a Europa, onde participará do Fórum Ibero-Americano sobre a Amazônia. Ironia: o índio Ianomami David Kopenawa, também está viajando para a Europa, à Finlândia, para uma reunião de líderes indígenas de todo o mundo.